

ESTÁGIO EM CIÊNCIAS: REFLEXÕES DA ARTICULAÇÃO TEORIA E PRÁTICA NO CONTEXTO DO ENSINO PÚBLICO DE UMA ESCOLA DO PARANÁ

Maria Victória Castanha Bedin ¹
Tiago Venturi ²

RESUMO

O presente trabalho relata as experiências vivenciadas durante a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências, cursada no sétimo período do curso de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Paraná. O estágio tem como finalidade promover a integração entre conhecimento teórico e seu desenvolvimento prático por meio do planejamento, organização e prática pedagógica no campo das Ciências Naturais, direcionado para os anos finais do Ensino Fundamental. Para tanto, o estágio foi desenvolvido em um colégio público, que se localiza na região periférica de uma cidade do oeste do Paraná. Dentre as principais contribuições formativas à discente, durante esse período, destacam-se a aproximação com a rotina e processos escolares; o emprego de metodologias participativas, discutidas ao longo das disciplinas da graduação; assim como o contato com as interações presentes na sala de aula enquanto estagiária docente.

Palavras-chave: Ensino e aprendizagem; contexto educacional; ensino de ciências.

ASPECTOS INICIAIS

O estágio na formação de professores é defendido por muitos autores como uma atividade teórico-prática, que envolve a ação e a reflexão e que tem como objetivo preparar professores para a atividade sistemática de ensinar, numa dada situação histórico-social, inserindo-se nela para transformá-la, a partir das necessidades identificadas e direcioná-la para o projeto de humanização. Portanto, o estágio deve contemplar, para além da atividade de ensinar, desde a organização, análise e decisão dos processos de ensino em aula, a formação de um professor crítico e reflexivo para uma educação humanizadora (LIMA; PIMENTA, 2006; PIMENTA, 1995; ALMEIDA, 1995; CARVALHO; GIL-PÉREZ, 2011).

Apoiada nessas concepções, a disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências objetiva aproximar o estudante da prática docente por meio da articulação com a teoria. É desenvolvida no sétimo semestre do curso de Ciências Biológicas, modalidade Licenciatura, da Universidade Federal do Paraná (UFPR) - Setor Palotina, e possui uma carga horária total e obrigatória de 200 horas. A disciplina divide-se em três momentos formativos: observação, monitoria/planejamento e regência.

A observação refere-se à etapa inicial do estágio, em que o estudante passa a frequentar e reconhecer a escola e a sala de aula para se integrar no ambiente de ensino. O tempo de

¹ Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná- UFPR, mariabedin@ufpr.br;

² Professor orientador: Doutor em Educação Científica e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná- UFPR tiago.venturi@ufpr.br.

planejamento é a etapa seguinte à observação, nesse momento o estagiário atua de forma mais participativa no cotidiano escolar para compreender a realidade em sua totalidade e planeja sua intervenção didática. A última etapa do estágio refere-se ao tempo de docência, em que são desenvolvidos os projetos de intervenção sob a supervisão do professor da escola e orientação do professor formador na universidade, ou seja, é nesta etapa que o estagiário vivencia os processos de ensino e aprendizagem ministrando aulas de Ciências para as turmas previamente selecionadas.

Além do mais, ao longo de todos os momentos apresentados, são utilizados, como estratégias de reflexão e sistematização de experiências, os diários de campo. Compreendemos que o diário tem uma função singular e insubstituível nesse momento de formação docente, uma vez que, além de promover um espaço de planejamento e organização, o diário é um importante espaço-tempo de reflexões, sentimentos, pensamentos, dúvidas e ideias. São vários os autores que discutem a relevância e a notoriedade do diário de bordo (aqui denominado de diário de campo) como instrumento essencial na formação de professores (DIAS et al, 2013; GALIAZZI; LINDEMANN, 2003; PIMENTA, 1995).

Diante disso, o presente ensaio tem o intuito de relatar as concepções, vivências, perspectivas e aprendizagens assimiladas por uma estagiária no decorrer do Estágio Supervisionado em Ciências, desenvolvido em colégio estadual no oeste paranaense. O estágio deu-se no período de março a junho de 2023. Para as reflexões aqui explicitadas, foram utilizados como *corpus* de análise, os diários de campo elaborados pela estagiária (primeira autora deste estudo) e os textos e bibliografias discutidos no decorrer da disciplina, que subsidiaram a reflexão dos aspectos emergentes.

TEMPO DE OBSERVAÇÃO: PRIMEIRO CONTATO COM A INSTITUIÇÃO DE ENSINO

O momento da observação, como brevemente apresentado, refere-se à etapa inicial do estágio, para o reconhecimento da escola, do professor supervisor e da sala de aula, de modo a aproximar o contexto teórico da prática, a fim de promover uma observação crítica e reflexiva durante a trajetória de estágio. Assim sendo, esse primeiro momento é marcado pela exploração do espaço físico escolar, do contexto social que o cerca e também das características e dados da escola enquanto espaço de formação, levando em conta sua rotina, estrutura, recursos humanos e relações estabelecidas.

De acordo com Krasilchik (2004), o estágio de observação é essencial para o futuro professor visualizar a escola de um ângulo diferente do que viu enquanto estudante,

precisando de instruções e orientações sobre o que buscar e focalizar. Nesse sentido, para a autora, devem ser considerados os seguintes aspectos durante a etapa de observação: a situação geral da escola, como o espaço físico, as condições socioeconômicas em que a instituição se insere, a organização e o funcionamento da equipe pedagógica e da escola, as relações estabelecidas entre professores e alunos, assim como os momentos de reuniões e conselhos de classe. Para Krasilchik (2004), outros aspectos importantes a serem analisados nesse momento são o nível cognitivo das aulas e o clima afetivo que envolve o processo de ensino e aprendizagem. Além disso, é essencial o estagiário se atente à organização das aulas, como se estruturam as atividades didáticas, quais recursos são utilizados e, do mesmo modo, aos incidentes e situações-problema frequentes nas instituições de ensino.

Isto posto, nesta fase, além da observação das aulas de Ciências, em diferentes turmas anos finais do Ensino Fundamental (6º ano ao 9º ano), são analisados os documentos da instituição, como o Projeto Político Pedagógico (PPP), que contextualiza o histórico do colégio e traz informações relevantes a respeito dos alunos que frequentam o espaço, dos princípios adotados para o encaminhamento das atividades e dos processos educacionais. Além do mais, nesse momento de observação, também são analisados os planos de ensino e de aulas da disciplina de Ciências, os recursos humanos, físicos e didáticos que a escola dispõe, assim como o cotidiano das salas de aula e da comunidade escolar.

O colégio de desenvolvimento do estágio localiza-se em um bairro periférico de uma cidade do oeste do Paraná e apresenta algumas particularidades, como por exemplo, o espaço físico reduzido, pois trata-se de uma instituição compartilhada, que divide o espaço com uma escola municipal. Nesse sentido, são necessárias adaptações para que não haja conflito nas organizações dos horários, como intervalos, utilização da biblioteca, laboratório, dentre outros. Esses aspectos dificultam a organização da equipe pedagógica, principalmente para a elaboração de atividades em ambientes para além das salas de aula, como a biblioteca, laboratório de informática, laboratório de física, química e ciências e até mesmo para utilização da quadra esportiva nas aulas de educação física. As salas de aula, apesar de possuírem um espaço reduzido para o número de alunos ativamente matriculados (de 25 a 28 alunos por turma), são muito bem estruturadas, dispendo de quadro branco, ar condicionado e *Smart TV (Kit Educatron)*, que foi uma das ferramentas disponibilizadas pelo Governo do Estado do Paraná .

Outras características que foram observadas nesse primeiro momento e que constam no PPP da instituição referem-se à condição socioeconômica dos estudantes do colégio, composto majoritariamente por alunos de baixa renda. Devido a esse aspecto, muitos dos

estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e Médio estudam em um período e trabalham no outro, motivo pelo qual a maioria destes não têm perspectiva ou vontade de prosseguir na vida acadêmica, uma vez que já contribuem na composição da renda familiar.

Diante disso, observou-se que a maioria dos alunos são levados, devido às circunstâncias em que estão integrados, a ter outros objetivos e outras percepções a respeito da escolarização e da formação universitária e, assim, acabam não se dedicando para as demandas escolares. Esse fator pode explicar o descomprometimento de alguns estudantes com lições de casa, provas, trabalhos e outras atividades propostas pela professora no decorrer das aulas observadas.

Entre outros aspectos evidenciados na sala de aula, acerca das estratégias de ensino, notou-se que a metodologia expositiva prevalece em todas as turmas. Apesar de muitas críticas a respeito dessa metodologia de ensino, como evidenciado por Egeslaine e Santos (2017), alguns autores apontam a relevância da aula expositiva. Para Lepiensi e Pinho (2015), essa metodologia é adequada, uma vez que representa um tipo de comunicação, entretanto a prática docente não deve se limitar apenas a essa ação. Haydt (2006) relata que a aula expositiva pode ser usada em situações que tem como finalidade introduzir um conteúdo novo ou tecer conclusões acerca de um assunto. Além disso, o autor cita que a metodologia pode ser empregada quando há a necessidade de comunicar informações e conhecimentos de maneira organizada, o que resulta em economia de tempo, sendo um fator decisivo na seleção dessa abordagem metodológica, principalmente quando tratamos da educação básica e as limitações relacionadas ao calendário escolar.

Quanto aos materiais e ferramentas didáticas utilizadas no encaminhamento das aulas, foi observado que limitam-se, principalmente, ao livro didático e ao projetor por meio de *slides*. Nessa perspectiva, Nicola e Paniz (2016) defendem que os professores devem explorar diversos recursos de ensino, principalmente para as áreas de Ciências e Biologia, que abordam conteúdos abstratos e de difícil visualização. As autoras argumentam que, para tornar a aula mais dinâmica e atrativa, existem várias ferramentas que podem contribuir para a aprendizagem e motivação dos alunos. No entanto, de acordo com Egeslaine e Santos (2017), não são apenas os recursos, como o computador e/ou projetor, que determinam o sucesso das aulas nos processos de ensino e aprendizagem coerente e adequados. Para tanto, é essencial que o professor tenha um domínio teórico do conteúdo de sua disciplina e seja capaz de empregar metodologias que agreguem conhecimento para os alunos e estejam relacionadas ao contexto educacional.

O que vai de encontro a outro aspecto observado e debatido nessa etapa, com relação a

utilização das apresentações disponibilizadas pela Secretaria da Educação (Seed-PR) no formato de *slides*. Essa foi uma das questões que sobressaiu nas discussões com professores, alunos e corpo pedagógico da instituição. De acordo com a nova política estadual de educação, as instituições de ensino do estado do Paraná são submetidas a utilizar o material padronizado para apresentação das temáticas nas salas de aula, além do mais, outras ferramentas tecnológicas como *quizz*, plataforma de leitura e Desafio Paraná (destinado a lição de casa) foram implementadas.

As grandes problemáticas atreladas a essas novas ferramentas de auxílio à aprendizagem, referem-se a sobrecarga de atividades, tanto para os docentes, quanto para os alunos, assim como a descontextualização de temas regionais, já que há uma sistematização de conteúdos para todo o estado. A contextualização é uma temática muito abordada por pesquisadores da área do ensino, que comprovam ser de extrema importância para o processo de ensino e aprendizagem, uma vez que é a partir dela que os estudantes conseguem relacionar os novos conceitos e utilizá-los no seu cotidiano, além disso, leva-se em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, “também chamados de conceitos subsunçores ou conceitos âncora” (TAVARES, 2004, p. 56), essenciais para o desenvolvimento da autonomia, do interesse e da aprendizagem dos estudantes.

Apesar dos desafios encontrados no processo educativo, constatou-se que, como uma instituição pública de ensino, o colégio é capaz de proporcionar um ambiente efetivo de aprendizagem por meio de professores qualificados e uma equipe pedagógica bem estruturada. Além do mais, no transcorrer das aulas, notou-se o despertar da curiosidade e a participação dos estudantes em muitos momentos na construção do conhecimento, processo importante para o distanciamento da aprendizagem memorística, onde o conteúdo é meramente repassado do professor ao aluno, tendo em vista que “a aprendizagem mecânica ou memorística se dá com a absorção literal e não substantiva do novo material” (TAVARES, 2004, p. 56). Assim, nesse tipo de aprendizagem, o conhecimento é absorvido e depois esquecido, ou seja, “ele não passa a fazer parte de si, da estrutura cognitiva e da maneira de ser do aluno. Não enriquece à sua maneira de olhar o ambiente que o rodeia e os seus semelhantes” (TAVARES, 2004, p. 57).

Desse modo, ao longo dessa etapa, foi possível compreender as relações estabelecidas nesses ambientes e promover a aproximação da estagiária para com os alunos e a professora supervisora. Portanto, o momento de observação foi essencial para a compreensão dos aspectos emergentes, destacados ao longo do relato, e para a integração na instituição de ensino, além do mais a observação auxiliou no encaminhamento das demais etapas do estágio.

TEMPO DE MONITORIA E PLANEJAMENTO: NOVOS DESAFIOS

Essa é a etapa de maior carga horária da disciplina de Estágio Supervisionado em Ciências, uma vez que o estagiário participa como monitor, organizando junto ao professor supervisor da escola diferentes atividades ou planos de ação. Para além, é nessa etapa que será planejada a intervenção do estagiário, que deve, juntamente ao supervisor, organizar a atividade de regência, definindo datas, conteúdos, estratégias e recursos que serão utilizados e que irão compor o plano de intervenção. Portanto, é necessário afastar-se do campo de observação e passar a atuar nas demandas do docente.

Nesse momento, como parte da monitoria, entre as atividades desenvolvidas pela estagiária, destaca-se a organização do laboratório de física, química e ciências, que anteriormente estava sendo utilizado como depósito e sala de atividades extraclasse. Para tanto, realizou-se um levantamento dos materiais e vidrarias que o laboratório dispõe e, dessa forma, ele passou a ser mais utilizado pelos professores, inclusive pela supervisora em uma das aulas observadas. Nesse sentido, a estruturação do laboratório foi uma ação muito importante para a instituição de ensino, já que o uso do laboratório é de extrema relevância para o processo de ensino e aprendizagem, como defendido por muitos autores. Para Bartizik e Zander (2017), as atividades práticas no ensino de Ciências devem ser desenvolvidas desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, uma vez que desempenham um papel importante na construção do pensamento científico, pois proporcionam estímulos por meio da experimentação. Nas aulas teóricas, os alunos recebem informações sobre o conteúdo por meio das explicações do professor, ao contrário das aulas práticas, em que eles têm contato físico com o objeto de análise, permitindo que descubram o propósito e objetivo da atividade, bem como o conhecimento que a aula lhes proporcionará.

Ademais, após a preparação do laboratório, como parte da monitoria, a estagiária desenvolveu uma Oficina de Introdução ao Laboratório com os alunos do 7º ano, abordando diversas temáticas, como: as regras de utilização do laboratório, função dos materiais (vidrarias e reagentes), o conceito de fazer ciência, a importância da pesquisa, entre outros aspectos, o que despertou, nesses estudantes, um olhar diferente pela temática, demonstrado principalmente pela participação ao longo da aula. As demais atividades da etapa de monitoria referem-se ao auxílio na correção de provas e atividades, o que é indispensável para a preparação para a prática docente, objetivo da disciplina de Estágio.

No momento seguinte à monitoria, realizou-se o planejamento da intervenção das seis aulas. Para tanto, nessa etapa foram definidas, junto ao professor supervisor da escola, as

turmas para as quais realizou-se a regência, a organização dos conteúdos desenvolvidos e a distribuição das aulas. Formular um plano de aula e desenvolver essas sequências didáticas são passos muito importantes para a aproximação com o trabalho docente. Diante disso, colocou-se em prática toda a teoria vista ao longo da graduação, utilizando diferentes metodologias e principalmente aproximando os alunos da construção do conhecimento, já que o professor deve ser um mediador do processo de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, foram estruturadas duas sequências didáticas para alunos do 7º ano, relacionadas à botânica, envolvendo os conteúdos de raiz, caule, folhas e fotossíntese, conforme o planejamento de ensino da turma. Os planos foram organizados a partir da abordagem proposta por Delizoicov e Angotii (1991) que vão de encontro aos pressupostos freirianos, denominado de “Três Momentos Pedagógicos” (3MP). De acordo com Muenchen e Delizoicov (2014), os 3MP são estruturados da seguinte forma: problematização inicial, organização do conhecimento e aplicação do conhecimento. A problematização é o ponto de partida, onde apresentam-se questões ou situações reais que os alunos conhecem e presenciam e que estão envolvidas nos temas; a organização do conhecimento pressupõe sistematizar o conhecimento que será necessário para resolução da problemática central, a aplicação do conhecimento, por sua vez, requer a utilização sistemática dos conhecimentos.

A estratégia de ensino adotada para o encaminhamento das aulas foi a expositiva e participativa, com a utilização de *slides* e de exemplares botânicos que foram integrados às temáticas discutidas. O uso dos exemplares biológicos permite uma contextualização do conteúdo, já que as plantas apresentadas são típicas da região, além disso, a partir do material vegetal, é possível realizar o detalhamento científico necessário. Portanto, as metodologias foram empregadas com o objetivo de sistematizar o conhecimento adquirido e aproximar da realidade do aluno.

Diante do exposto, outras estratégias participativas de ensino foram planejadas e utilizadas ao longo das aulas, como o *quizz* referente aos conteúdos trabalhados, desenvolvido por meio da plataforma Canva. A utilização do questionário na forma de um jogo de competição foi direcionada para estimular uma abordagem de aprendizagem distinta. De acordo com Mitchell e Savill-Smith (2004), os jogos têm a capacidade de aumentar a concentração e o entusiasmo dos participantes, propiciando o desenvolvimento de habilidades inovadoras, inclusive a aquisição de conhecimentos complexos.

Com o mesmo intuito, desenvolveu-se um de estudo de caso, elaborado pela estagiária, que possibilitou a aproximação da temática com o contexto dos alunos, uma vez que, de acordo com Pazinato e Braibante (2014), essa metodologia auxilia os estudantes na

interpretação de textos, promove a capacidade de identificação e resolução de problemas, além de possibilitar o desenvolvimento dos conteúdos em situações do cotidiano. Assim sendo, o estudo de caso insere-se como um ensino investigativo, visto que permite aos alunos levantar hipóteses, criar argumentos para defendê-las e reunir fatos que levem à explicação do fenômeno que está sendo estudado, o que é essencial para compreensão e contextualização dos conteúdos abordados (SASSERON; CARVALHO, 2011).

O emprego dessas diferentes estratégias didáticas pela estagiária foram motivadas, em primeiro lugar, pelo suporte teórico assimilado no decorrer das disciplinas da graduação, que discorrem sobre a importância do ensino por investigação como uma abordagem didática que valoriza a reflexão crítica e oferece aos estudantes chances de examinar os desafios globais de maneira consciente e lógica, permitindo-lhes desenvolver estratégias e planos de ação aplicáveis além do ambiente escolar (CARVALHO, 2011). Em segundo lugar, a motivação para utilização das abordagens surgiu após a análise do livro didático dos alunos, no qual verificou-se que os conteúdos eram trabalhados de maneira sucinta, sem grandes aprofundamentos a respeito das temáticas e, muitas vezes, descontextualizados da realidade dos alunos.

O tempo de monitoria e planejamento encerra-se com a prática da intervenção planejada. Para a estagiária, esse momento de organização e estruturação do processo de ensino e aprendizagem foi um grande desafio, principalmente com relação a coordenação do tempo das atividades e do nível de aprofundamento dos conteúdos, por isso o auxílio e a experiência da professora regente foi imprescindível. Além do mais, entender que o planejamento não é algo estático e que deve ser passível de mudanças, alterações e substituições, de acordo com as necessidades observadas no decorrer das aulas, é fundamental para o desenvolvimento da prática docente, esse foi um aspecto reforçado ao longo da disciplina de estágio pelo professor orientador.

TEMPO DE INTERVENÇÃO: A APROXIMAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

É no tempo de docência que o estagiário atua como docente sob supervisão e, do mesmo modo, como professor reflexivo de sua própria prática, relatando, no diário de campo, toda experiência vivenciada no momento da regência, desde os aprendizados, dúvidas, sentimentos, emoções, alterações do planejamento, dentre outras questões. Nesse sentido, como mencionado, a estagiária desenvolveu as sequências didáticas planejadas com o 7º ano e, nesse momento, serão expostos os tópicos que emergiram desse processo e que foram

manifestados no diário durante a reflexão sobre a prática docente.

A respeito do desenvolvimento dos 3MP, observou-se que colaboraram efetivamente para a introdução das temáticas, uma vez que, ao iniciar um novo conteúdo, a problematização inicial auxiliou no resgate de conceitos e informações que os alunos já possuíam, o que permitiu a articulação com os novos conhecimentos e a desconstrução de ideias equivocadas. O segundo momento, que refere-se a organização do conhecimento, foi essencial para o entendimento das novas concepções, principalmente com a utilização dos exemplares botânicos, que aproximaram o contexto teórico da prática. Por fim, a aplicação do conhecimento se deu de diferentes maneiras ao longo da intervenção, por meio de estudo de caso, *quizz* e questões oralmente discutidas, o que demonstrou a assimilação das temáticas por parte dos alunos através do bom desempenho nas atividades.

Nesse sentido, acerca do processo de ensino e aprendizagem, entende-se que os conceitos foram elaborados e construídos por meio de questionamentos e não de verdades absolutas, indo de encontro aos pressupostos da aprendizagem significativa, proposta por David Ausubel, por volta de 1960, que acreditava que a transmissão de informações não ocorre de forma relevante como a aprendizagem designificados (MOREIRA, 2006). Mota e Rosa (2018), do mesmo modo, discutem que, a aprendizagem significativa só é possível quando o aluno constrói o seu próprio conhecimento e, para tal, precisa estar mentalmente ativo. Quando os alunos estudam apenas para os momentos de avaliação, a aprendizagem fica reduzida à memorização (MOTA; ROSA, 2018).

Do mesmo modo, o desenvolvimento do estudo de caso aborda a perspectiva do aluno participante da edificação do saber, pois é uma metodologia que permite o processo de construção do conhecimento e aprendizagem significativa, uma vez que têm como objetivo criar um ambiente onde o aluno assuma uma postura ativa. Além disso, leva-se em consideração os conhecimentos prévios dos alunos, “também chamados de conceitos subsunçores ou conceitos âncora” (TAVARES, 2004, p. 56), essenciais para o desenvolvimento da autonomia, do interesse e da aprendizagem dos estudantes.

Portanto, o encaminhamento das aulas se deu de forma efetiva, houve participação dos alunos durante a exposição e uma grande curiosidade em visualizar os exemplares botânicos que faziam referência aos conceitos trabalhados. As atividades propostas foram aceitas e realizadas de modo integral, o que colaborou com a execução do planejamento da sequência didática. Entretanto, tiveram de ser realizadas algumas alterações no planejamento relacionadas ao tempo de desenvolvimento das atividades, o que decorreu da necessidade de resgatar alguns conteúdos essenciais para o entendimento dos novos conceitos.

Apesar disso, a alteração no cronograma da sequência didática foi fundamental para alcançar o objetivo proposto e, do mesmo modo, para reafirmar que o planejamento do processo educativo não deve seguir uma conduta definitiva e fechada, mas sim contemplar uma visão flexível, de modo que o docente possa pensar e remanejar o processo educativo de acordo com as necessidades da turma. A educação planejada de maneira definitiva e determinada pode ter um impacto negativo na criatividade, consulta, observação e engajamento dos alunos. É importante buscar um equilíbrio entre a estrutura e a flexibilidade, permitindo espaço para a expressão criativa, a exploração independente e o envolvimento ativo dos alunos no processo de aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao considerar as reflexões explanadas ao longo dos diários, há um constante questionamento sobre o planejamento e a prática docente: *Como propor um conteúdo coerente com a série, com o nível de aprofundamento e com a capacidade de sintetização do conhecimento da turma? Como investigar se os alunos têm o conhecimento prévio necessário para o entendimento desses novos conteúdos? Será que as atividades propostas irão motivar a participação dos estudantes? Será que o tempo estipulado para cada aula é condizente?* Isto é, essas questões demonstram as inúmeras inseguranças pertinentes ao processo de ensino. Contudo, entende-se que somente com a prática e com a experiência na sala de aula essas indagações serão amenizadas.

Diante disso, o ato de observar o contexto da instituição de ensino, formular um plano de aula e desenvolver as sequências didáticas é um passo muito importante para a aproximação com a práxis docente, uma vez que, nesse momento, coloca-se em prática toda a teoria vista ao longo da graduação, utilizando diferentes metodologias, abordagens, teorias e, principalmente, aproximando-se da realidade do cotidiano escolar.

Pode-se compreender, perante o exposto, que o objetivo das aulas da regência conseguiu ser suprido de forma efetiva e isso se deve, em grande parte, pelas diferentes abordagens utilizadas. Entretanto, apesar de todos os aspectos positivos mencionados, observou-se que há um grande desafio nos processos de ensino e aprendizagem da atualidade, relacionado principalmente ao desinteresse por parte dos estudantes em buscar o conhecimento. Esse cenário, apesar de ser discutido na educação básica há muito tempo, se agravou ainda mais no período após a pandemia. De acordo com os professores e corpo pedagógico da instituição, os alunos têm apresentado uma dificuldade muito grande em focar na aula e deixar as distrações de lado, além das complicações relacionadas ao imediatismo e

a disposição de informações de forma fácil e rápida, em que pesquisar, ler e investigar não é uma opção.

Sendo assim, nos deparamos com uma realidade que demanda novas disposições a respeito dos processos educacionais, portanto é notório a importância da implantação de novos métodos de ensino. Para esse fim, faz-se necessário a atualização de docentes por meio de cursos de formação continuada e outras estratégias que possibilitem maior preparo a esse novo momento.

Por fim, é importante destacar que, a partir da experiência relatada, o estágio tem sua importância pautada no objetivo de formar professores críticos e reflexivos, uma vez que a reflexão permite a formação de um bom profissional e a constante busca por aperfeiçoamento ao longo dos anos, referenciando Paulo Freire: "ninguém começa a ser educador numa certa terça-feira às quatro horas da tarde. Ninguém nasce educador ou marcado para ser educador. A gente se faz educador, na prática e na reflexão sobre a prática". (FREIRE, 1991, p. 58).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, J. S. de. Prática de ensino e estágio supervisionado na formação de professores. **Cadernos de Pesquisa**, n. 93, p. 22-31, 1995. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/845/852>. Acesso em: 05 jun. de 2023.

AUSUBEL, D. P. **A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel**. São Paulo: Moraes, 1982.

CARVALHO, A. M. P. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas. In: LONGHINI, M.D. **O uno e o diverso na educação**. Uberlândia: EdUFU, 2011.

CARVALHO, A. M. P. de; GIL-PÉREZ, D. **Formação de professores de ciências: tendências e inovações**, São Paulo: Cortez, 2011. Disponível em: <https://ria.ufrn.br/handle/123456789/1624>. Acesso em: 05 jun. de 2023.

DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J. A. **Física: formação geral**. São Paulo: Cortez, 1991. (Coleção Magistério).

DIAS, V. B. et al. O Diário de Bordo como ferramenta de reflexão durante o Estágio Curricular Supervisionado do curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual de Santa Cruz–Bahia. **Encontro nacional de pesquisa em Educação em Ciências**, v. 9, p. 1-7, 2013.

EGESLAINE, D. E.; SANTOS, C. A. Reflexões sobre a metodologia das aulas expositivas na educação básica e superior. **Revista de Educação do Vale do Arinos-RELVA**, v. 4, n. 1, 2017.

GALIAZZI, M. do C.; LINDEMANN, R. H. **O diário de estágio: da reflexão pela escrita para a aprendizagem sobre ser professor.** 2003.

HAYDT, R. C. C. **Curso de didática geral.** São Paulo: Ática, 2006.

KRASILCHIK, M. **Prática de ensino de biologia.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

LEPIENSKI, L. M.; PINHO, K. E. P. **Recursos didáticos no ensino de biologia e ciências.** Disponível em: <<http://www.diadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/400-2.pdf>>. Acesso em: 06 jun. 2023.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. **Poiesis pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/poiesis/article/view/10541/7011>. Acesso em 05 jun. de 2023.

MOREIRA, M. A. **A teoria da aprendizagem significativa e sua implementação em sala de aula.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

MOTA, A.; ROSA, C. W. Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio de 2018. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/view/8161/4811>. Acesso em: 06 jun. 2023.

MUENCHEN, C.; DELIZOICOV, D. Os três momentos pedagógicos e o contexto de produção do livro “Física”. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 20, n. 3, p. 617-638, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ciedu/a/y3QT786pHBdGzxcRtHTb9c/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 06 jun. 2023.

NICOLA, J. A.; PANIZ, C. M. A importância da utilização de diferentes recursos didáticos no Ensino de Ciências e Biologia. **InFor**, v. 2, n. 1, p. 355-381, 2017.

PAZINATO, M. S.; BRAIBANTE, M. E. F. O estudo de caso como estratégia metodológica para o ensino de Química no nível médio. **Revista Ciências & Ideias**. ISSN: 2176-1477, v. 5, n. 2, p. 1-18, 2014.

PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade entre teoria e prática. **Cadernos de pesquisa**, n. 94, p. 58-73, 1995. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/839/845>. Acesso em 05 jun. de 2023.

SASSERON, L. H.; CARVALHO, A. M. P. Construindo argumentação na sala de aula: a presença do ciclo argumentativo, os indicadores de Alfabetização Científica eo padrão de Toulmin. **Ciência e Educação**, v. 17, p. 97-114, 2011.

TAVARES, R. Aprendizagem significativa. **Revista conceitos**, v. 10, n. 55, p. 55-60, 2004. Disponível em: http://www.projetos.unijui.edu.br/formacao/_medio/fisica/_MOVIMENTO/ufpb_energia/Textos/ASConceitos.pdf. Acesso em: 06 jun. 2023.